

CAROL BENSIMON

O clube dos jardineiros de fumaça



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Carol Bensimon

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Estúdio Bogotá

Imagem de capa
© Aidan Meyer/ StockSnap

Mapa da p. 5
Leonardo Lott

Preparação
Julia Passos

Revisão
Adriana Bairrada
Isabel Cury

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bensimon, Carol

O clube dos jardineiros de fumaça / Carol Bensimon. — 1ª
ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN: 978-85-359-3012-2

1. Ficção brasileira I. Título.

17-09041

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

HUMBOLOT

TRINITY

• LEGGETT

• COVELO

CONDADO DE MENDOCINO

• FORT BRAGG

• WILLITS

• MENDOCINO

• COMPTCHE

REDWOOD VALLEY

• ALBION

• ELK

UKIAH

• PHILO

BOONVILLE

• POINT ARENA

HOPLAND

ANCHOR BAY

GUALALA

SONOMA

OCEANO PACIFICO

CALIFORNIA



“Você acha que o tempo está passando mais devagar ou mais rápido ou, de alguma maneira, diferente do normal?”

“Não parece diferente do normal. Só que... só que eu meio que perco a noção. Não sei se é cedo ou tarde...”

“Imagine que você tenha que se levantar e ir para o trabalho agora. Como você faria?”

“Eu acho que eu não daria a mínima para isso.”

“Bom, imagine que este lugar esteja pegando fogo.”

“Ia ser engraçado.”

“Ia ser engraçado? Você acha que teria o ímpeto de se levantar e sair daqui, ou você simplesmente ia ficar assistindo?”

“Eu não sei. Não me parece que o fogo represente nenhum perigo neste momento... tudo parece engraçado no Exército. Tudo que as pessoas dizem parece um pouco engraçado...”

“É como se você estivesse de bom humor e pudesse rir de qualquer coisa?”

“Isso... é como sair com um monte de gente e daí todo mundo ficar rindo, todo mundo ficar só —”

“Fazendo farra?”

“Aham. E tudo parece engraçado.”

“Você faria isso de novo? Faria esse teste de novo?”

“Aham. Claro. Eu não ia me importar nem um pouco.”

[Entrevista com um soldado voluntário, sete horas depois de ter ingerido uma dose de EA2233, versão sintética do THC da maconha.
U.S. Army Edgewood Chemical Biological Center, 1961]

Ele queria entender tanta coisa. Lua sangrenta. A falha de San Andreas. Aquilo que parece fumaça e que chamam de Via Láctea e você pode ver quando está longe das cidades. As moscas da beira da praia. Impostos sobre gorjeta. Certas tatuagens. Uma mulher surfista com um rabo de cavalo grisalho. Ciclistas de roupas fluorescentes viajando pela Highway 1. Adesivos no para-choque dizendo “veterano do Vietnã”. O canabidiol e os endocanabinoides. Entender de verdade. Lugares onde de repente todas as árvores morrem. A morte de sua mãe. A garota que faz bijuteria e seu discurso urgente sobre karma. Espiritualidade.

Arthur Lopes está sentado dentro de um carro na costa norte da Califórnia. Nada parece fazer muito sentido por enquanto, a começar pelo próprio carro, um Grand Marquis dourado, enorme, com frisos de plástico imitando veios de madeira, o último carro das pessoas que logo vão ficar velhas demais para dirigir. Pagou mil e oitocentos dólares por ele, duas semanas atrás, em Los Angeles. Havia um cartaz no vidro traseiro, colado com fita adesiva azul e escrito nas letras grandes perturbadoras de alguém

que tinha se concentrado muito para escrever meia dúzia de palavras: “Todo o dinheiro vai para minha namorada”. E a menina estava realmente lá enquanto Arthur contava as notas de cem dólares, o gordinho segurando a mão dela de uma maneira que podia tanto ser felicidade como desespero, os três de pé em uma rua vazia do centro de Los Angeles, perto demais do Skid Row, onde viciados em metanfetamina viviam em barracas do tipo iglu.

Não consegue pensar em Los Angeles agora de uma forma muito nítida, ou no Brasil ou em seu pai ou em Elisa, porque está naquele outro lugar, no píer de Point Arena, no condado de Mendocino, e esse lugar engoliu todos os outros. Continua parado na área de estacionamento. Na sua frente há uma pequena praia entre falésias monstruosas, encaixada através de processos geológicos sobre os quais ele não sabe coisa alguma. As navalhas secas no rochedo ao menos deixam óbvio que nada aconteceu com tranquilidade. A Terra não dança, ele formula, fazendo uma careta para si mesmo como se já estivesse tomado por certo espírito californiano que o seu ceticismo quer desesperadamente rejeitar. A Terra expele, traga, convulsiona. Às vezes dá certo, outras vezes não.

Faltam quinze minutos para as três, o dia sem uma única nuvem, homens pescando no píer, um cara só de cueca vestindo sua roupa de neoprene. Um latino em uma picape vermelha desbotada estaciona ao lado do Grand Marquis, abre uma lata de alguma bebida doce demais e fica dentro do carro com os olhos vidrados no oceano. Essa é uma cidade de menos de quinhentos habitantes. As pessoas se divertem com o que têm. Vão no fim do dia até a rua principal e escolhem um dos lugares que ainda não fecharam as portas. Quase toda a parte sul de Point Arena está abandonada, como se os estabelecimentos esperassem todos juntos a chegada de um milagre econômico ou uma súbita disparada no número de turistas. Se o Napa Valley e o condado

de Sonoma conseguem atrair tanta gente, por que eles não conseguiriam? A imobiliária East Ridge com folhas de compensado nas aberturas. A cantina italiana Gianinni's com um cartaz de "vende-se" ao lado de um retrato a óleo de Jesus Cristo. O centro comunitário da terceira idade. O Sea Shell Inn com os quartos sem mobília e as duas baleias grafitadas na parede.

Arthur tem um encontro às três horas. Não consegue se sentir exatamente confortável quando está a ponto de encontrar alguém que nunca viu antes. Tamara arranjou tudo para ele. Ela disse: "Tem uma pessoa que acho que pode te ajudar". Ser ajudado também não é algo que o deixa à vontade, de maneira que Arthur gostaria de pensar não nesses termos, ele como a parte que implora para aprender, mas talvez em uma troca, isso, uma troca justa e objetiva, embora ele não faça a menor ideia do que teria a oferecer a um cara de setenta anos chamado Dusk.

Ri um pouco do nome ao descer do carro. Crepúsculo. Totalmente californiano. Ele se sente então parte daquele cenário porque o calor do sol de repente toca seus braços e o vento está soprando e fazendo misérias com os cabelos de duas garotas que tiram fotografias com um celular. As duas olham para ele enquanto Arthur caminha rumo à única construção da pequena praia, tirando a casinha que ele acredita ser uma escola náutica e um prédio abandonado revestido de chapas metálicas, lá atrás, perto da estrada. Chega na estrutura comprida de madeira com alguns estabelecimentos comerciais, dos quais dois ou três estão para alugar. Enquanto acessa a escada externa e sobe até o Chowder House, pensa se Dusk vai se parecer com um hippie, um bandido ou uma mistura dos dois. Número três. Aquele é o condado de Mendocino, afinal, e todo o país sabe o que isso significa.

Alguns rostos envelhecidos parecem manter sua versão de quarenta e quatro anos atrás ainda acessível, como se estivessem nos jogando na cara uma evidência sobre o quanto o tempo é relativo. Dusk tem esse tipo de rosto. Mergulha a colher na sopa ainda fumegante. Arthur consegue perfeitamente enxergá-lo deixando o Texas com uma mochila nas costas e aqueles mesmos óculos em 1971. Gotículas salpicam o bigode grisalho mal aparado, mas isso não é importante porque ele está pedindo carona para a Califórnia e tem a impressão de que vai chegar tarde demais. Uma namorada o segurou em Austin e tudo bem enquanto o encantamento durou, só que agora parece ter sido uma coisa estúpida continuar amarrado a alguém que nunca iria entender seu desconforto existencial.

Dusk limpa a boca com o guardanapo de pano. O Chowder House é um grande salão comprido que não deve encher nem nos finais de semana de verão. Arthur tentou as *enchiladas*. Três garfadas e todo o interior da sua boca se transformou em uma caverna de fogo pedindo por alguma coisa fresca. Essa foi a última

chance que ele deu para *enchiladas*. Talvez para qualquer comida mexicana.

“Claro que com vinte e poucos anos eu não tava preparado pra amor livre ou fossas sépticas”, Dusk retoma. “Ninguém tava.”

Ele tinha ficado apenas duas semanas vagando pelas ruas de San Francisco até descobrir que o sonho já era outro. Então catou suas coisas e partiu para o norte com um grupo de lunáticos místicos em ônibus escolares pintados com todas as cores de seus delírios lisérgicos. Enquanto eles serpenteavam pela Highway 1, uma garota leu a palma da sua mão. Os olhos dela estavam cheios de lágrimas. Aquilo não parecia exatamente um bom presságio.

Arthur tenta imaginar esse monte de garotos e garotas saindo da cidade e querendo viver da terra. Eles tinham vindo de todos os cantos do país e, como Dusk, passaram semanas ou meses mendigando nas esquinas do Haight-Ashbury, fumaram maconha e experimentaram LSD, benzedrina, metedrina, heroína, perderam seus violões surrados, pegaram pneumonia deitados no gramado do Golden Gate Park, declamaram poemas ruins em vão, foram presos, começaram sete vezes uma carta para os pais. Quando a cidade se tornou hostil demais para eles, chegaram à conclusão de que era preciso voltar à natureza, construir algo novo no meio do mato. Não, eles não estavam mesmo preparados para amor livre ou fossas sépticas, ou para criar cabras, fazer sopa de lentilha, geleia de amora, um banquinho, deixar a coleção de discos para trás, descamar peixes, cuidar de crianças, não estavam preparados para as cabanas, o inverno, o tédio inevitável do inverno. Mas talvez um alto nível de incapacidade, aliado à confiança cega da juventude, fosse o motor necessário para pôr em marcha uma pequena revolução. Serrar. Pregar. Cavar. Plantar. Discutir. Compartilhar. Quase tudo pela primeira vez. Acreditar. Sobretudo acreditar.

O sistema de som do restaurante reproduz sucessos da dé-

cada de 50. Dramas adolescentes contados através de intrincadas harmonias vocais. Parece óbvio que o lugar está se empenhando bastante para criar um certo clima, mas o resultado acaba sendo deprimente e artificial. O fato de que há apenas mais duas mesas ocupadas também colabora para uma atmosfera de fracasso. Um cara sozinho em uma, três mulheres na outra. Divorciadas de Idaho ou de Montana tentando se convencer de que a vida é boa quando você viaja para lugares ensolarados com as amigas. A menos vaidosa delas usa uma camiseta do Bubba Gump, uma cadeia de restaurantes de frutos do mar.

Arthur pede mais água à garçonete. Ainda não conseguiu perguntar a Dusk o que queria. Está deixando que o velho hippie fale à vontade baseado na crença de que isso criará a necessária intimidade entre eles, embora nesse ponto desconfie que aquilo não seja um bom plano. Quanto mais Dusk fala, mais Arthur fica quieto.

“Qual o limite entre o coletivo e o individual? Todo mundo que começava a fazer um pouco de arte era automaticamente rechaçado pelo grupo, do tipo ‘você não devia se preocupar com seus pequenos traumas burgueses, nós estamos falando de algo muito maior aqui’.”

“Você fazia algum tipo de arte?”

“Nah. Quer dizer, eu tentei um pouco de escultura por um tempo. Até tinha talento, mas era péssimo com a figura humana. Gostava de corujas. Sabe aquela com a cara branca como um coração?” Ele dá uma risada. “Eu era meio obcecado por corujas. Mas aí é que tá. Na comunidade, eu me sentia culpado até de *pensar* no porquê disso.”

“Você tava precisando de um analista, não de uma comunidade hippie.”

Dessa vez, Dusk não ri. Talvez seja o tipo de cara que só consegue achar graça de suas próprias piadas, o que Arthur não

pode saber com certeza, embora todo esse falatório e quase nenhuma pergunta revelem ao menos uma tendência a um narcisismo constrangedor, algo como a convicção de que sua experiência na Terra está sendo muito mais rica do que a da maioria dos seres humanos.

“Até quando você ficou lá?”

“1995. Depois eu voltei quando já não tinha mais ninguém por lá e fiquei até 2013. É.” Dusk se reclinou na cadeira, como se estivesse pronto para ir embora. “O tempo engana a gente.”

Eles estão falando da Fish Rock Farm, a cerca de uma hora dali, a comunidade hippie onde Dusk e outras vinte e duas pessoas viveram, algumas por cinco meses, outras por mais de vinte anos. A propriedade pertence agora a um artista de Los Angeles chamado Hans Velachio. Pelo que Arthur pôde apurar, Hans comprou a Fish Rock Farm em algum ponto de 2013. Deixou em LA uma casa em formato de domo geodésico, equilibrado no Topanga Canyon, com uma vista estonteante para a praia de Malibu. Tudo isso está na internet. Domos geodésicos eram uma moda arquitetônica e espiritual no fim dos anos 60, mas o domo de Hans tem a perfeição incômoda e um certo minimalismo rústico que só o mundo de hoje pode oferecer.

Arthur passou toda a noite anterior no quarto de motel onde provisoriamente mora, lendo, fumando, pulando de um site para o outro. Hans comprou a propriedade com doze cabanas mal-conservadas, ajeitou duas delas e colocou-as para alugar no Airbnb. O dinheiro que entra o ajuda a pagar a restauração das outras nove. Uma foi demolida. Quer transformar o lugar em uma nova comunidade de artistas e, enquanto isso não acontece, tira fotos quadradas de troncos caídos, de uma edição antiga do Walden de Thoreau e de lesmas que se parecem com bananas. Arthur não vai perguntar o que Dusk pensa sobre Hans Velachio e sobre o futuro da propriedade. Meio que já intui a resposta. A diária

da maior das cabanas custa cento e oitenta dólares. Parece uma torre de observação engolida pela floresta.

“Você tá dirigindo um Grand Marquis dourado?”

Arthur sente toda a sua mucosa oral queimar. Não devia ter tentado as *enchiladas* de novo.

“Como você sabe?”

Toma um gole d’água.

“A polícia usa esse carro.”

Ele já ouviu esse tipo de comentário antes. A polícia de fato usou esse carro por muitos anos. Era algo que se via nos filmes mesmo se você estivesse no Brasil. Aquele carro. O policial comendo donut de manhã. O policial com uns óculos tipo aviador pedindo para ver os documentos de alguém. Mas qual era a importância disso afinal?

“Olha, eu não tive muito tempo pra escolher.”

“Você tava com pressa?”

“Eu simplesmente não me importo, sabe? É só um carro.”

“Sei bem o que você quer dizer. Eu não dou a mínima pro meu. Arranhões por todo lado.”

“Você me viu chegando? Eu achei que —”

“Ah, não. Não. É uma cidade pequena, essa.”

Arthur dá uma risada.

“Isso é estranho porque, bom, eu não tô ficando em Point Arena, eu vim até aqui só pra encontrar você.”

“Eu sei, eu sei. Motel em Fort Bragg, certo? É um condado pequeno.”

Dusk olha para o prato de Arthur, as panquecas soterradas em um molho vermelho espesso.

“Parece que você não gostou muito disso. Deve tá sentindo falta da comida da sua casa. Você se importa se —”

Lá fora, o sol o acerta de novo. Suas pupilas começam a trabalhar. Dá para ouvir o barulho do mar e os latidos roucos de um cão. Ele passa por um pai e um filho na parte externa do prédio onde há uma argola pendurada em um fio de náilon. O objetivo é gerar um movimento pendular e fazer a argola encaixar em um gancho posicionado a um metro dali. O menino está tentando, mas a argola dispara e faz o caminho de volta sem encostar em nada. “Quer jogar mais uma vez?”, Arthur escuta o pai dizer. Ele tem o sorriso de quem está ensinando alguma coisa que pode ser fundamental lá adiante.

Dusk anda na frente de Arthur. O cabelo grisalho amarrado em um rabo de cavalo insignificante ainda é o cabelo loiro de 1971 se emaranhando no primeiro outono em Fish Rock Farm. Aquele homem mora sozinho agora em algum lugar a uns quinze quilômetros da cidade, nas montanhas. Deve ser uma casa simples com algumas sequoias vermelhas de segunda e terceira geração, acessível por uma estrada poeirenta com placas de *private road*. Provavelmente ela é protegida por uma cerca de madeira

do tipo compacto, sem vãos. Talvez haja uma estufa no fundo, talvez não.

“Espera.”

Dusk se vira.

“Eu preciso te perguntar uma coisa. Desculpa ter demorado tanto.”

Ele tem esses olhos de quem não está exatamente curioso com a pergunta.

“Tamara disse que você podia me mostrar sua plantação. Eu quero aprender a plantar. Você não precisa me ensinar do zero, eu plantei um pouco lá no Brasil, fui pego, é uma longa história. A colheita não vai começar nas próximas semanas? Eu posso te ajudar. Posso pôr uma barraca na sua propriedade, sei lá, trabalhar o dia inteiro e não ganhar nenhum centavo.”

“Achei que você era professor.”

Arthur ri.

“Eu sou. Você sabe melhor do que eu que isso não é exatamente um paradoxo aqui.”

O velho hippie tira do bolso a chave do carro, o que Arthur interpreta como um desfecho ruim. Ele vai acabar indo embora. A conversa está terminando. Alguma coisa deu errado.

“Professor de quê?”

“História.”

“E você não tem aulas para dar no Brasil?”

Arthur não sabe exatamente o que dizer. Teria aulas sim, se não tivesse perdido o emprego. Mas pode não ser uma boa ideia falar sobre isso, de pé, no meio do estacionamento, e ainda por cima levando em conta que ele jamais mencionou para Tamara que a escola onde ele trabalhava o tinha demitido da noite para o dia, e que isso estava diretamente ligado ao fato de ele estar ali, no norte da Califórnia.

“Digamos que não por enquanto. Eu me envolvi em, ahn, uma situação confusa. Uma injustiça de grandes proporções.”

“Parece que você tá cheio de longas histórias.”

Arthur sente a tensão se distender e se permite sorrir. Cedo demais.

“Vamos ser sinceros, Arthur, eu não sou a pessoa que você devia procurar. Eu só cultivo *tomatillos*. Você quer aprender a plantar *tomatillos* por acaso?”

“*Tomatillos*?”

“Você sabe o que são *tomatillos*?”

“É um tipo de código, talvez?”

Dusk dá uma risada.

“É assim que você pretende falar com as pessoas daqui? Boa sorte, cara.”

No minuto seguinte, Dusk entra em uma picape que parece uma relíquia de guerra, dá ré e desaparece em uma dessas pequenas estradas vicinais do condado.

Em 1975, o governo norte-americano começou a pulverizar plantações de maconha em Sierra Madre, no México, com um herbicida chamado Paraquat. Helicópteros azuis e brancos foram comprados a um custo de vinte e um milhões de dólares. O Paraquat caía como uma chuva ácida insistente no meio das montanhas verde-esmeralda de Sierra Madre. Acocorados nas sombras, os camponeses, vendo o dinheiro ir embora, vendo suas mulheres chorarem sem que isso quebrasse o silêncio das coisas enormes da natureza, tentavam pensar em alguma saída para aquela desgraça vinda dos céus.

Naquela época, mais de treze milhões de jovens americanos fumavam maconha regularmente. Quase todo o fumo vinha do México. Nenhum garoto coberto de acne rindo sem motivo aparente e começando a sentir fome no porão de sua casa, no entanto, estava pensando em mexicanos cor de chocolate ao leite, com suas cicatrizes inexplicáveis, carregando armas na cintura em Sierra Madre.

O Paraquat mata com a ajuda do sol. Três dias de incidência

solar são o suficiente para que as plantas definhem. Os cultivadores logo entenderam isso. Quando os helicópteros americanos iam embora, eles ensacavam os pés de maconha e os deixavam em um lugar escuro. Tudo parecia bem desse jeito. Nenhuma alteração de cor, sabor ou cheiro nas plantas. Era só colocar a maconha para secar e em seguida enviá-la para o vizinho rico do Norte. O Acapulco Gold era o tipo mais conhecido nos anos 70. Uma parte considerável das três mil toneladas de cannabis que faziam o caminho México-Estados Unidos anualmente estava contaminada com Paraquat.

Muitos anos depois de terem começado, as ofensivas do governo foram parar na imprensa. De certa maneira, os Estados Unidos estavam deliberadamente envenenando seus próprios cidadãos, primeiro com o presidente Ford, depois com Jimmy Carter, depois com Reagan. Inalar Paraquat não era uma boa ideia. Paraquat estava associado ao mal de Parkinson, à síndrome do desconforto respiratório do adulto, a danos no fígado, rins, coração, pulmões. Pessoas ainda se suicidam em todo o mundo ingerindo Paraquat. Uma inglesa recheou uma torta para o marido com Paraquat em 1981. A histeria com o herbicida, portanto, foi um dos fatores que vieram a estimular, a partir da década de 70, a produção interna de maconha no país, sobretudo no norte da Califórnia. Os hippies que viviam em comunidades rurais tiveram um papel fundamental nisso.

Arthur adora esse tipo de ironia histórica. Gostaria que a humanidade inteira se juntasse agora em uma grande gargalhada, mas está sozinho em um quarto de motel, número 39, em Fort Bragg, a alguns metros da praia e das redes de fast-food cuja comida real parece a versão já mastigada daquela que as fotos mostram em painéis luminosos. Deixa o livro sobre a cama, a icônica folha dentada na capa, e vai até a janela. Há uma pilha de livros parecidos com aquele sobre uma cadeira.

Um dia de tempo ruim está acabando. As linhas brancas do estacionamento tentam organizar carros que não estão lá. Dali, Arthur não consegue enxergar a recepção, mas imagina o funcionário atirado na frente da TV em uma dessas poltronas nas quais os hóspedes nunca se sentam. É um oriental de vinte e poucos anos, talvez um descendente dos chineses que vieram derrubar todas aquelas sequoias no século XIX. Arthur tem a impressão de que ele não vai muito com a sua cara.

Na Highway 1, os faróis iluminam momentaneamente as partículas de ar condensado. Isso e o neon vermelho escrito *vacancy* enfiado na neblina parecem um convite para que vá embora. Se parar para pensar um pouco, sua presença ali soa quase como um capricho. Gostaria de saber agora para onde as pessoas estão indo. O que carregam nas picapes. Como é a escuridão que precisam atravessar para chegar em casa.

Naquele início de tarde, tinha dirigido até o café onde Tamara trabalha.

“O que é um *tomatillo*?”

Sentia que podia facilmente se apaixonar. Ela tinha cinco anos a mais do que ele e, percorrendo rapidamente sua história, Arthur não encontrava nenhuma mulher mais velha com quem tivesse se envolvido de alguma forma, mas quem sabe esse fosse um momento de primeiras vezes na sua vida. Estava apenas começando.

“Oi, boa tarde”, ela disse, com alguma ironia. “Do que você tá falando?”

O piercing no nariz era um pequeno ponto brilhante. Arthur não respondeu. Tamara usava pouquíssima maquiagem e tinha sempre um jeito meio francês de prender o cabelo. Não era um coque, era quase uma cena congelada de um coque sendo desfeito. Mas estava lá, aguentando aquelas horas todas.

Ela pegou uma caneca de café e foi entregá-la a uma se-